

BC intervém para deter alta do dólar

MAURÍCIO PALHARES* E PAULA PAVON

SÃO PAULO – Uma semana após a liberação do câmbio, o dólar voltou a subir e as taxas de juros no mercado futuro permaneceram em alta ao longo de um dia de nervosismo e poucos negócios. Segundo operadores, o Banco Central precisou intervir mais de uma vez, por meio do Banco do Brasil, para segurar a cotação do real frente à moeda americana.

Até as 20h20, as saídas de divisas estavam em US\$ 470 milhões: US\$ 383 milhões seguiram pelo câmbio comercial e US\$ 87 milhões pelo flutuante. Em virtude de segunda-feira ser feriado em São Paulo, maior praça financeira do Brasil, que movimentou mais de 60% dos negócios em dólar

no país, algumas emissões foram antecipadas para esta semana.

Câmbio – No fechamento do câmbio, a moeda foi ofertada a R\$ 1,70 para compra e R\$ 1,71 para venda. Na maior parte do dia, a cotação oscilou entre R\$ 1,73 e R\$ 1,75. A taxa média ponderada dos negócios registrados pelo BC, a PTax, fechou em R\$ 1,7041 (compra) e R\$ 1,7049 (venda), bem acima da média do dia anterior, que ficou em R\$ 1,6594 para compra.

Ontem, o BC tentou leiloar R\$ 300 milhões em títulos da dívida, com prazo de dez meses e vinculação à variação do dólar, mas só conseguiu vender 70% dos papéis, o que foi visto pelo mercado como um mau sinal. O BC ofereceu taxa de 11,94%, mas muitos

agentes só estavam dispostos a receber remuneração acima de 14%.

Esses leilões têm servido para o BC mensurar a desvalorização estimada pelo mercado, o que se reflete na taxa embutida no papel. No último leilão de NBC-E, realizado na terça-feira, o título, com vencimento em fevereiro de 2000, oferece um rendimento de 19% mais a variação do câmbio. Outra emissão que serve como referência, por ter um prazo semelhante à da realizada ontem, é a de NBC-Es realizada em maio de 1998 que vence em julho próximo. A taxa pedida, fora a variação, foi de 12%.

Discreção – O dólar no mercado à vista abriu pressionado pela manhã. A cotação chegou a R\$ 1,77 para venda, mas em menos de uma hora recuou para R\$ 1,64. Du-

rante este momento de queda, os operadores apostaram que houve uma intervenção “discreta” do Banco do Brasil. O BB teria atuado na ponta de venda para baixar a cotação da moeda. Mas logo voltou a subir e manteve a média bem acima da PTax.

O C-Bond, principal título da dívida externa brasileira, encerrou o dia sendo negociado a 52,12% do seu valor de face na compra e 52,37% na venda. Na quinta-feira, o valor do *brady* era de 54,62% e 54,87%. O IDU encerrou a semana valendo 81% do seu valor original contra 83,20% no fechamento anterior.

O mercado está nervoso, sensível a boatos, e, conforme alguns operadores relataram, a atuação do governo não está ajudando. Ontem, no final do pregão, surgiu a notícia de

que, com o vencimento da Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF), que tinha uma alíquota de 0,20% sobre as operações de estrangeiros na bolsa, não haveria um imposto substitutivo nos próximos três meses. Houve quem suspeitasse que isso seria acompanhado por alguma restrição ao capital externo que atua nas bolsas nacionais.

Outros acreditam que a ausência de cobrança por 90 dias aumentará o volume de negócios nas bolsas do país. “Cerca de 55% dos negócios com recibos da Telebrás são fechados em Nova Iorque, por meio de ADRs, já que lá a tributação não chega 0,10%”, relatou um operador de uma corretora paulista.